

MIA COUTO

# Na berma de nenhuma estrada

*e outros contos*

*1ª reimpressão*



COMPANHIA DAS LETRAS

## Sumário

O menino no sapatinho . . . . .	11
Ofélia e a eternidade . . . . .	17
Bartolominha e o pelicano . . . . .	21
Fosforescências . . . . .	25
O fazedor de luzes. . . . .	29
As lágrimas de Diamantina . . . . .	35
Isaura, para sempre dentro de mim. . . . .	41
O moço não mental . . . . .	45
Francolino e Lucinha . . . . .	49
O arrote de Dona Elisa. . . . .	55
A bênção. . . . .	59
A morte, o tempo e o velho . . . . .	67
A outra . . . . .	71
Prostituição auditiva. . . . .	77
Amor à última vista . . . . .	81
O último ponto cardeal . . . . .	87
As cartas . . . . .	91
A multiplicação dos filhos . . . . .	95
As revelações do falecido. . . . .	99
Ezequiela, a humanidade . . . . .	105

Dois corações, uma caligrafia . . . . .	109
A cantadeira . . . . .	115
Homem no leito. . . . .	121
Na berma de nenhuma estrada . . . . .	125
O amante do comandante . . . . .	131
O assalto. . . . .	137
Os amores de Alminha . . . . .	141
O escrito. . . . .	145
O falecimento . . . . .	149
Os gatos voadores . . . . .	153
Os vizinhos . . . . .	159
A adivinha. . . . .	163
E para o baile! . . . . .	169
Na terceira pessoa . . . . .	175
Prenda de anos . . . . .	179
Ave e nave. . . . .	181
A confissão de Tãobela . . . . .	185
Rosita . . . . .	189

## O menino no sapatinho

Era uma vez o menino pequenito, tão minimozito que todos seus dedos eram mindinhos. Dito assim, fino modo, ele, quando nasceu, nem foi dado à luz mas a uma simples fresta de claridade.

De tão miserenta, a mãe se alegrou com o destamano do rebento — assim pediria apenas os menores alimentos. A mulher, em si, deu graças: que é bom a criança nascer assim desprovida de peso que é para não chamar os maus espíritos. E suspirava, enquanto contemplava a diminuta criatura. Olhar de mãe, quem mais pode apagar as feiuras e defeitos nos viventes?

Ao menino nem se lhe ouvia o choro. Sabia-se de sua tristeza pelas lágrimas. Mas estas, de tão leves, nem lhe desciam pelo rosto. As lagriminhas subiam pelo ar e vogavam suspensas. Depois, se fixavam no teto e ali se grutavam, missangas tremeluzentes.

Ela pegava no menino, com uma só mão. E falava, mansinho, para essa concha. Na realidade, não falava: assobiava, feita uma ave. Dizia que o filho não tinha entendimento para palavra. Só língua de pássaro lhe

tocaria o reduzido coração. Quem podia entender? Ele há dessas coisas tão subtis, incapazes mesmo de existir. Como essas estrelas que chegam até nós mesmo depois de terem morrido. A senhora não se importava com os dizquedizeres. Ela mesmo tinha aprendido a ser de outra dimensão, florindo como o capim: sem cor nem cheiro.

A mãe só tinha fala na igreja. No resto, pouco falava. O marido, descrente de tudo, nem tinha tempo para ser desempregado. O homem era um fiorrapo, despachagargalos, entorna-fundos. Do bar para o quarto, de casa para a cervejaria.

Pois, aconteceu o seguinte: dadas as dimensões de sua vida e não havendo berço à medida, a mãe colocou o menininho num sapato. E cujo era o esquerdo do único par, o do marido. De então em diante, o homem passou a calçar de um só pé. Só na ida isso o incomodava. Na volta, ele nem se apercebia de ter pés, dois na mesma direção.

Em casa, na quentura da palmilha, o miúdo aprendia já o lugar do pobre: nos embaixos do mundo. Junto ao chão, tão rés e rasteiro que, em morrendo, dispensaria quase o ser enterrado. Uma peúga desirmandada lhe fazia de cobertor. O frio estreitasse e a mulher se levantava de noite para repuxar a trança dos atacadores. Assim lhe calçava um aconchego. Todas as manhãs, de prevenção, ela avisava os demais e demasiados:

— *Cuidado, já dentrei o menino no sapato.*

Que ninguém, por descuido, o calçasse. Muito-muito, o marido quando voltava bêbado e queria sair

uma vez mais, desnoitado, sem distinguir o mais esquerdo do menos esquerdo. A mulher não deixava que o berço fugisse da vislembração dela. Porque o marido já se outorgava, cheio de queixa:

— *Então, ando para aqui improvisar um coxinho?*

— *É seu filho, pois não?*

— *O diabo que te descarregue!*

E apontava o filhote: o individuozinho interrompia o seu calçado? Pois que, sendo aqueles seus exclusivos e únicos sapatos, ele se despromoveria para um chinelado?

— *Sim* — respondeu a mulher. — *Eu já lhe dei os meus chinelos.*

Mas não dava jeito naqueles areais do bairro. Ela devia saber: a pessoa pisa o chão e não sabe se há mais areia em baixo que em cima do pé.

— *Além disso, eu é que paguei os tais sapatos.*

Palavras. Porque a mãe respondia com sentimentos:

— *Veja o seu filho, parece o Jesuzinho empalhado, todo embrulhadinho nos bichos de cabedal.*

Ainda o filho estava melhor que Cristo — ao menos um sapato já não é bicho em bruto. Era o argumento dela mas ele, nem querendo saber, subia de tom:

— *Cá se fazem, cá se apagam!*

O marido azedava e começou a ameaçar: se era para lhe desalojar o definitivo pé, então, o melhor seria desfazerem-se do vindouro. A mãe, estarecida, fosse o fim de todos os mundos:

— *Vai o quê fazer?*

— *Vou é desfazer.*

Ela prometia-lhe um tempo, na espera que o bebé